Resenha: Martins, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguai-Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial/Prefeitura de Porto Alegre/Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, 2002.

Maria da Glória de Oliveira

Graduanda do Bacharelado em História UFRGS

A peculiaridade da situação histórica e geopolítica do Rio Grande do Sul e sua inserção num espaço de fronteira compartilhada entre três nações - Brasil, Uruguai e Argentina - constitui-se num desafio renovado para a pesquisa e campo de investigação privilegiado para a articulação de questões que estão na ordem do dia, como integração regional, identidade nacional, multiculturalismo e globalização. O projeto *Fronteiras Culturais*, desenvolvido pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, a partir de 1999, tem o duplo objetivo de realizar simultaneamente o estudo das particularidades das práticas culturais e do modo de ser "fronteirizo" e promover o intercâmbio e a integração através da investigação de campo, cujos tópicos referenciais privilegiam as interações entre história e literatura, literatura e outros saberes como a lingüística, a antropologia, a geopolítica e a psicanálise. No 1º Encontro Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina), realizado em dezembro de 2000, em Porto Alegre, reuniram-se especialistas e participantes vindos da Europa, Estados Unidos, Argentina e Uruguai, das áreas das Ciências Humanas, das Letras, da Psicanálise, das Artes e da Comunicação, com o objetivo de apresentar suas reflexões acerca dos diferentes aspectos culturais envolvidos no conceito e na condição de fronteira.

O resultado destas conferências, mesas-redondas e debates estão reunidos no livro organizado pela coordenadora do projeto, profª. Maria Helena Martins. São 21 textos, divididos em 7 temáticas articuladas à questão das fronteiras culturais: na primeira parte da obra, estão reunidos trabalhos que possibilitam uma abordagem panorâmica da questão em foco e suas relações com temas como globalização, multiculturalismo, identidade nacional e integração cultural; na segunda parte, estão os trabalhos com recortes temáticos mais específicos que tratam desde a literatura gauchesca entre sul-rio-grandenses e castelhanos; da psicanálise no Rio Grande do Sul e seus vínculos portenhos e literários; instituições culturais e Mercosul; gaúchos, futebol e Internet, até os estudos de práticas culturais na fronteira do Rio Grande do Sul. Inicialmente, o que fica evidente é que o exercício de reflexão sobre fronteiras culturais torna-se, por si

mesmo, um desafio no sentido da integração entre saberes e discursos, tornando possível uma aproximação conceitual mais ampla e mais complexa do tema.

É neste sentido que Jacques Leenhardt, inaugurando o debate, aponta para a ambigüidade e a ambivalência implícitas na noção aparentemente simples de fronteira, na medida em que esta resulta da fixação de limites territoriais, impostos através de tratados políticos pelos Estados, Reinos ou Províncias em espaços aonde estão imbricadas práticas culturais e modos de vida anteriormente estabelecidos pelas populações que os ocupam. Para o autor, o conceito de fronteira deve recuperar o sentido da palavra latina *limes* ou limite que designa “um caminho entre dois territórios”, “um intervalo, uma margem, uma borda sem apropriação” e, então, passa a ser entendida menos como uma linha e mais como um espaço de articulação de culturas, “diferente daquele que tentam definir os Estados”. Assim, o que caracteriza culturalmente a fronteira comum entre três entidades geopolíticas distintas e soberanas - Argentina, Brasil e Uruguai - é a unidade simbólica do universo “gaúcho”, construída na prática e na literatura. Não por acaso, a figura deste “gaúcho”, recorrentemente, está relacionada à paisagem ilimitada do pampa na prosa regionalista argentina, uruguaia e sulrio-grandense.

Sandra Pesavento, ampliando este aspecto de ambigüidade e de ambivalência, propõe, para a compreensão do conceito de fronteira, a percepção de marcos muito mais simbólicos do que territoriais, que devem ser pensados na dimensão dinâmica de um espaço de contato e permeabilidade, onde se confrontam relações de alteridade e de identidade. Desta forma, a fronteira cultural seria uma realidade transcendente, indicando situações de contato, de mistura e de troca e, portanto, um conceito “impregnado de mobilidade”, acima e anterior à geopolítica. A condição de fronteira é definida por uma situação ex-cêntrica, ou seja, o não estar no centro, o estar na margem, na borda, o que implica numa relação de distância, de diferença e de estranhamento. A partir destas reflexões, a questão que se impõe é a da possibilidade de serem encontrados experiências e valores universais nos contextos locais/regionais de fronteira, o que significa pensar a própria possibilidade de integração destes espaços e, conseqüentemente, avaliar também os limites e os impasses da globalização.

Relacionando multiculturalismo e identidade nacional, Aldyr Garcia Schlee entende que a dimensão cultural é o espaço crucial da integração regional latino-americana, apesar da existência de identidades coletivas plurais e complexas que podem viabilizar ou não o projeto integrador. Da mesma forma, Flávio Wolf de Aguiar considera a questão cultural decisiva para a concretização do que chama de uma “América Latina por fazer”. Apesar da assinatura do protocolo de integração, Schlee lembra que, salvo algumas realizações pontuais, o Mercosul permanece como um “exercício de ficção”, na medida em que sua dimensão político-cultural continua subordinada aos imperativos de uma suposta integração econômica. Ainda para este autor, há que se ter cautela diante das

dimensões políticas envolvidas, mesmo nas propostas integracionistas de cunho cultural na medida em que podem estar muito mais próximas de uma reedição do pan-americanismo, sob o domínio da indústria cultural do Primeiro Mundo, do que dos ideais de uma União Bolivariana.

Não por acaso, a literatura parece oferecer o campo mais fértil para o estudo e a reflexão em torno da transgressão de fronteiras. Isto porque, como bem observa Assis Brasil, é na produção literária, ou através dela, mais do que em outras artes, que a dialética pampa-cidade, com todas as suas implicações e desdobramentos, torna-se mais aguda. A partir do estudo comparativo de temas recorrentes nas obras de três nomes representativos da literatura platina e sul-rio-grandense (José Hernandez, Bartolomé Hidalgo e Simões Lopes Neto), o historiador César Guazzelli utiliza a gauchesca como fonte elucidativa do processo de construção do mito do “gaúcho” e da recriação idílica do seu passado - elementos fundamentais na constituição de uma identidade regional. Por sua vez, Pablo Rocca demonstra como a poesia gauchesca, do Rio da Prata ao Rio Grande do Sul, mantendo-se à margem de duas línguas - o castelhano e o português - e de três Estados, conseguiu transgredir barreiras e transpor limites (até mesmo lingüísticos), instituindo-se numa zona de intersecção e de encruzilhada destes espaços “nacionais”. No entanto, no campo da crítica literária, lamenta Léa Masina, as possíveis relações entre o regionalismo sul-rio-grandense e a gauchesca platina ainda são pouco consideradas, predominando, de forma geral, uma certa resistência ao reconhecimento das influências platinas na literatura brasileira como um todo.

Área inusitada de contato e de vínculo entre fronteiras, cujo espaço é justificadamente privilegiado no projeto, é a que trata do surgimento da psicanálise no Rio Grande do Sul e da contribuição do escritor Cyro Martins. A própria história do movimento psicanalítico no Estado tem, desde as origens, incêrvveis vnculos portenhos: seu pioneiro e fundador, Mário Alvarez Martins e, posteriormente, o próprio Cyro Martins, realizaram suas formações em Buenos Aires, nos anos de 1940 e 1950, com o psicanalista argentino Angel Garma. Para Cláudio Eizirik, Cyro Martins é o exemplo “desse convívio mutuamente fertilizador”, de quem viveu na fronteira entre a psicanálise e a cultura. Ainda sobre o escritor e psicanalista, uma boa síntese biobibliográfica ocupa as páginas finais do livro.

Dos trabalhos destacados acima e dos demais, incluídos na coletânea, o que merece ser ressaltado é o caráter instigante e panorâmico das reflexões provocadas por um tema tão desafiador quanto relativamente pouco visitado pelos estudos acadêmicos. Sem a pretensão de oferecer abordagens conclusivas, o conjunto de trabalhos reunidos, por outro lado, serve como estímulo para investigações mais pontuais, na medida em que sugere questões que mereceriam um aprofundamento mais rigoroso, a começar pela própria constituição histórica do conceito e da condição de fronteira.